
BRICOLAGENS DE PRÁTICAS ESCOLARES NA CIDADE PEQUENA BRICOLAGES OF SCHOOL PRACTICES IN SMALL TOWNS

Mitsi Pinheiro de Lacerda¹

Resumo

O artigo apresenta estudo desenvolvido em meio a um evento de caráter oficial – o desfile escolar comemorativo do aniversário municipal, por onde desfilam escolas, grupos de serviços, religiosos, políticos, comerciais e outros, transformando a rotina da cidade e acolhendo outros cotidianos na festa. A metodologia incluiu orientações da Etnografia, da História Oral e dos estudos em Cotidianos. Os resultados apontaram que, além do currículo e da avaliação, outros fatores inerentes à escola eram compartilhados durante o cortejo: a disciplina, a ordenação cartesiana, as hierarquias, as distinções diversas, punições e prêmios. Embora a gênese destes fatores não possa ser encontrada na escola, sua representação pública no interior da linguagem escolar contribui para que a sociedade os legitime.

Palavras-chave: Cotidianos; Avaliação; Currículos; Cidades Pequenas; Cortejos.

Abstract

The article presents a study developed in the middle of an official event – the school procession which commemorates the anniversary municipal, when schools, service groups, religious, political, commercial and others parade, changing the city's routine and accepting other everydays in the party. The methodology included orientations by Ethnography, Oral History and production of images. The results indicated that, in addition to curriculum and evaluation, other factors involved in school were shared during the procession: the discipline, the cartesian order, hierarchies, many distinctions, awards and punishments. Although the genesis of these factors cannot be found in school, your public representation on the school language contributes to that society legitimizes.

Key words: Everyday life; Evaluation; Curriculum; Small Towns; Parades.

Introdução

Apresento neste trabalho resultados parciais de uma pesquisaⁱⁱ desenvolvida em meio a um evento de caráter oficial – o desfile cívico-escolar-alegórico promovido pela administração pública de duas cidades pequenas, em comemoração ao aniversário municipal. Este evento anual, que culmina em um cortejo festivo por onde desfilam escolas, grupos de serviços, religiosos, políticos, comerciais e outros, transforma a rotina diária da cidade, quando “o cotidiano contempla o não-cotidiano” (MARTINS, 2008, p. 89). Embora parcialmente modificados, os cotidianos da cidade e da escola se atravessam intensamente neste dia, fazendo com o que lhes é próprio se altere, sem se esvaír.

Um cortejo é uma manifestação pública que se materializa sob a forma de procissões, comitivas, séquitos, passeatas ou desfiles. Agregados em torno de uma intencionalidade ou obrigação, os sujeitos dedicam-se a preparativos relacionados à natureza do cortejo que pretendem realizar. Esta preparação ocorre através de temporalidades e dimensões materiais diversas, relacionando-se ao tipo de cortejo e sua emergência. Os funerais, por exemplo, são realizados a partir de uma necessidade não prevista e segundo a tradição, enquanto as comemorações de vitórias esportivas, também sujeitas ao inusitado, são organizadas segundo a especificidade, situação econômica e disponibilidade de seus adeptos.

Um desfile escolar é um evento que conta com o planejamento prévio. Sua apresentação decorre de um temaⁱⁱⁱ central a partir do qual são produzidos artefatos diversos, os quais, ao adentrarem o cotidiano da cidade, oferecem à população a inventividade dos sujeitos escolares, tecida em currículos. Compreendendo o currículo como expressão dos sujeitos, é possível perceber o que a escola oferece aos espectadores^{iv}, os quais, por sua vez, também delineiam expectativas e consomem o que lhes é oferecido segundo lógicas próprias. O planejamento dos desfiles escolares prevê, ainda, a inclusão de dispositivos diversos de avaliação, alguns oficialmente executados pela escola e outros operados pelo público quando este reproduz, na cidade, esta prática escolar já consolidada.

A escola, que por vezes reproduz em seu interior as desigualdades postas pela sociedade, a lógica competitiva e produtivista do mercado e o mecanicismo que ainda gerencia ideias humanas, também oferece à sociedade um modelo que é legitimado como ideal. Os sentidos hegemônicos que fundam currículos e avaliação, na escola, adentram o tecido social e interferem nas relações familiares, uma vez que são tomados como práticas e orientações inquestionáveis. No

âmbito familiar, o conhecimento oferecido à criança, às vezes, coincide com o que é selecionado pela escola, e as relações familiares, em boa parte, incluem o prêmio e o castigo que a escola consolida por meio da avaliação. Assim costuma ser com as famílias, e assim costuma ser nos cotidianos das cidades. Através deste estudo, observei algumas práticas escolares^v no desenrolar de desfiles, buscando indícios da presença da avaliação e currículos durante o cortejo, com implicações no cotidiano da cidade.

O conhecimento acerca da presença da escola nos desfiles conduziu à percepção de que, além do currículo e da avaliação, outros fatores inerentes à escola eram compartilhados no cotidiano da cidade durante o cortejo: a disciplina, a ordenação hegemônica e cartesiana, as hierarquias, as escalas de excelência, as distinções diversas, punições e prêmios. Embora a gênese destes fatores não possa ser encontrada na escola, foi ela, a escola, quem assumiu a tarefa de legitimá-los perante a sociedade. Herdeira de um modelo disciplinar (FOUCAULT, 1987) é possível afirmar, observando os desfiles, que a escola tomou para si a responsabilidade por mantê-lo e disseminá-lo. Embora não tenha sido a pretensão deste trabalho observar as lógicas disciplinadoras, foi impossível não notá-las junto aos movimentos dos sujeitos envolvidos nos desfiles: os sujeitos das escolas e instituições representadas, os espectadores, as autoridades.

As questões referentes à avaliação e currículo – objeto principal deste estudo – foram encontradas junto aos movimentos dos praticantes, no decorrer dos desfiles. Aqueles que se referem ao currículo foram observados, em sua maioria, nos desmembramentos do tema do desfile em diversos subtemas registrados em portadores de textos (faixas, *banners*, cartazes, alegorias diversas), em artefatos e fantasias, e no consumo (CERTEAU, 1994) que os praticantes realizaram sobre os resíduos da festa. Nem sempre explícitas, as práticas que sinalizavam a presença da avaliação no desfile de aniversário da cidade foram encontradas na existência de “acordos” firmados entre professores e alunos, cumpridos ao final do desfile, bem como no exame contínuo que a população exercia sobre a festa.

O artigo é apresentado em três seções. A princípio, são registrados os procedimentos metodológicos, e, a seguir, algumas conversações com os achados de pesquisa. Nesta seção, são observados os usos e consumos da avaliação e currículo no decorrer dos desfiles de aniversário da cidade, bem como sua recriação posterior, na escola. Por fim, é apresentada a conclusão do estudo.

Marchando (?)

A metodologia empregada neste estudo incluiu uma abordagem de cunho etnográfico, o emprego da História Oral, as orientações dos estudos em Cotidianos e a preciosa contribuição da

fotografia. A pesquisa foi desenvolvida em dois municípios do Noroeste Fluminense, e dividida em três etapas. Uma etapa foi destinada à observação sistemática e documentação direta dos desfiles de aniversário de ambas as cidades, durante três anos, com registro fotográfico e em diário de campo. Durante esta etapa, foram realizadas conversas repletas de intenção e isentas de roteiros determinados, uma vez que este procedimento ocorreu no decorrer dos eventos e segundo o fluxo da população presente. Em outra etapa, foram realizadas entrevistas não estruturadas, porém agendadas, com moradores, gestores escolares, professores, estudantes e seus familiares. Na realização de algumas entrevistas, especialmente nos grupos focais, foram exibidas imagens produzidas durante os desfiles de forma a “provocar a conversa”. Estabelecida a proximidade com as pessoas que contribuíram com este estudo, foi realizada a terceira etapa quando foram coletadas e digitalizadas imagens de desfiles de anos anteriores, complementadas pelas narrativas dos proprietários desses arquivos e de pessoas que fazem parte de suas redes de relações.

O estudo de cunho etnográfico possibilitou o contato direto entre a pesquisadora e os sujeitos investigados, sendo que a permanência em campo fundou-se em uma postura dialógica e objetivou a aproximação dos sentidos postos pelos sujeitos. A imersão e proximidade da pesquisadora junto a seu campo de estudos, com a observação atenta dos detalhes presentes nos desfiles, favoreceram o desvelamento da presença da escola nesses eventos. Para Geertz (1989), a descrição etnográfica é interpretativa e microscópica, e, embora o desfile seja circunscrito a espaços e tempos determinados, essa descrição foi produzida a partir das observações em campo, da produção e interpretação de imagens e das conversas com as pessoas envolvidas. Segundo Portelli (1997), o historiador oral precisa dispor da “arte de ouvir”, de forma a que possa ir ao encontro da memória individual. Em se tratando de pesquisa desenvolvida em cidades pequenas, a “conversa” permite a continuidade das relações entre aqueles que vivenciam tão proximamente a sua cotidianidade.

Durante a observação dos desfiles, foram produzidas aproximadamente seis mil imagens. Não sendo consideradas a confirmação de fatos ou sua ilustração, as imagens oferecem ótima contribuição à pesquisa, sendo que seu uso pode ser encontrado nos mais diferentes campos. Para Martins (2008), não há distinção entre fotografia documental e artística, pois o objetivo de uma pode conter a possibilidade da outra. A imagem é uma forma de registro, permeada pela imaginação do fotógrafo e entregue às diferentes leituras.

As imagens produzidas e coletadas foram exibidas aos fotografados, em alguns casos, de forma a funcionar como “conexão” entre estes, a pesquisadora e o tema de pesquisa. Os avanços da tecnologia na atualidade, ao permitirem a ampliação das fotos captadas em alta resolução, foram de grande serventia na busca dos detalhes e na observação “lenta”. Mesmo denunciando que a

reprodução sempre será acompanhada da ausência do local onde se encontrava o que foi reproduzido, Benjamin afirma que

No caso da fotografia, é capaz de ressaltar aspectos do original que escapam ao olho e são apenas passíveis de serem apreendidos por uma objetiva que se desloque livremente a fim de obter diversos ângulos de visão; graças a métodos como a ampliação ou a desaceleração, pode-se atingir a realidades ignoradas pela visão natural. Ao mesmo tempo, a técnica pode levar a reprodução de situações, onde o próprio original jamais seria encontrado (BENJAMIN, 1980, p. 13).

As imagens foram empregadas na interpretação dos desfiles, principalmente no que se refere ao *punctum*^{vi}. O olhar cuidadoso e interessado sobre as fotografias propiciaram achados que resultaram na redação de uma “descrição densa”. Esta “descrição” favoreceu o conhecimento da presença da escola nos desfiles, tomando-se como referência, os praticantes. O registro fotográfico de um evento público conta com a concordância tácita dos fotografados, afinal,

Fotografar grandes cerimônias é possível porque – e apenas porque – essas imagens captam comportamentos que são socialmente aceitos e socialmente regulados, ou seja, já solenizados. Nada além do que *deve* ser fotografado *pode* ser fotografado. A cerimônia *pode* ser fotografada porque está situada fora daquilo que é a rotina diária, e *deve* ser fotografada porque materializa a imagem que o grupo, *qua* grupo, pretende apresentar de si próprio (BOURDIEU & BOURDIEU, 2006, p. 34, grifos dos autores).

A equipe^{vii} que trabalhou neste projeto se dedicou ao registro fotográfico e aos registros em diário de campo, no decorrer do desfile. As observações perseguiram o fluxo dos diferentes movimentos, incorporando a surpresa enquanto mediadora do olhar. O trabalho de campo consistia em fotografar o desfile e realizar registros em diários. Estes registros incidiam sobre a impressão geral acerca do desfile, e também sobre o arquivo de detalhes pouco perceptíveis, os quais poderiam ser esquecidos. Além disso, muitas conversas não planejadas foram registradas, uma vez que o trabalho ocorria em meio ao fluxo de algo que se movimentava. Uma entrevista formal não seria possível ali:

Ao contrário dos métodos planejados em que se delineia *a priori* um roteiro de perguntas sobre um tema previamente acordado e operacionalmente definido, ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza freqüentemente por conversas espontâneas em encontros situados (SPINK, 2008, p. 72).

Todas as imagens (produzidas e coletadas) foram utilizadas: (i) na organização de grupos focais que participaram de mostras e debates sobre as imagens, e (ii) na interpretação dos desfiles. O olhar cuidadoso e interessado sobre as fotografias favoreceu o conhecimento da presença da escola nos desfiles, tomando-se como referência, os praticantes.

É a festa!

O aniversário é da cidade, e a escola está em festa. Grande parte das crianças está fantasiada, e outras tantas marcham com seus uniformes impecavelmente limpos e bem passados. As famílias e a população em geral se deslocam de suas casas até a rua principal da cidade pequena, onde o cortejo se desenrola trazendo consigo as escolas, os grupos prestadores de serviços, os representantes de algumas religiões, a mostra do comércio local, os dirigentes de instituições públicas e outros grupos livres diversos: capoeira, ginástica, futebol, balé, teatro.

Pouco antes do início do desfile, a rua principal da cidade, por onde passa o cortejo, se encontrava parcialmente vazia. Havia pessoas no bar da esquina, outras próximas ao palanque e mais algumas pessoas em uma das extremidades da rua, na área de concentração. Transitando por ali, uma mulher dizia: “não adianta vir cedo, o bom mesmo é chegar agora”. A população sabe que há atrasos no desfile e isso pode ser verificado se observarmos como a rua, vazia, subitamente se torna repleta de pessoas: é como se a população “combinasse” de “chegar atrasada”, no mesmo horário.

Na área de concentração, tudo parecia caótico. As pessoas responsáveis pela organização do desfile tentavam colocar os membros do desfile em suas posições, alegorias eram trazidas e depositadas no chão, as bandas ensaiavam alguns acordes, os carros alegóricos chegavam rebocados por tratores. As famílias acompanhavam seus filhos, e um grande número de pessoas circulava, observando o desfile que se armava ali. Era como se buscassem um conhecimento prévio do que estava por vir: as pessoas se dirigiam para a área de concentração para bisbilhotar as novidades desse ano.

Embora a área da rua destinada à concentração e o decorrer do desfile recebam menos atenção dos espectadores se comparados ao ápice das apresentações que se dão próximas ao

palanque, é possível encontrar, nestes espaços, práticas que, mesmo não legitimadas, se inscrevem em movimentos pouco regulados, porém consensuais. Observando a área de concentração do desfile, encontramos as pessoas em interação umas com as outras, sejam inseridas em conversas, circulando ou apenas observando o movimento alheio.

Neste lugar, conheci uma senhora que observava a concentração para o desfile. Apresentei-me a ela e teci elogios à festa, ao capricho dos trajés, à organização das escolas. Ela me ouviu e comentou: “O desfile deste ano está fraquinho assim porque não é ano político. Ano que vem vai estar melhor”. Embora tudo estivesse muito bonito, para ela ainda não era suficiente. Referindo-se às eleições municipais previstas para 2012, sinalizou a relação que via entre desfile e campanha política. Para ela, os investimentos do poder público e do setor privado no desfile serão maiores em 2012, antecipando, no cortejo, o embate político que deverá ocorrer nas urnas.

No interior do desfile de aniversário da cidade, além do currículo escolar, um suposto “currículo da cidade” também era apresentado. As cores dos uniformes escolares, o montante de recursos despendido, os agrupamentos diversos pelas calçadas, a distinção no uso de trajés durante o desfile, os sujeitos presentes no palanque – tudo isso tecia as interpretações locais. A presença de alguns grupos religiosos, grupos livres, comerciais e de serviços, no desfile, produziam a inexistência de outros (SANTOS, 2006) forjando determinada entonação à cidade.

A observação da área de concentração – onde se reúnem as escolas, clubes de serviço e entidades que participarão do desfile – implica, a princípio, na sensação de que o desfile sofrerá um grande atraso, dada a dispersão das pessoas e aparente desorganização. Porém, tão logo são ouvidos os primeiros sons produzidos pela banda, as pessoas se deslocam, se organizam e se posicionam em lugares estabelecidos para a apresentação. Tudo o que representava “ruído”, nesse momento, se esvai. Embora ainda se encontrassem em fase de organização para o desfile, as pessoas pareciam conhecer o lugar que lhes era destinado. Mesmo que não estivessem dispostos em filas, os integrantes permaneciam relativamente próximos uns dos outros, identificados pelos uniformes e alegorias. Os integrantes da banda depositavam seus instrumentos musicais no chão da rua e saíam para uma volta – também eram observadores – e os instrumentos demarcavam um lugar, sem que ninguém se aventurasse a tocar neles.

É interessante isso. Encontrar uma tuba no meio da rua, em um dia comum, certamente provocaria alguma perturbação (Fig. 1). Neste dia, a tuba fazia parte do cenário, não era um elemento fora do contexto. A festa alterava o cotidiano da cidade sem o dissipar, pois que seus componentes eram acrescidos por outros e pela aceitação tácita de seus habitantes. Cotidianos seguem seu fluxo e se entregam a serem atravessados por outros cotidianos ou perturbados por eventos não-cotidianos, mas nunca se esquecem de si.



Figura 1 – A tuba depositada no meio da rua.

FONTE: arquivo pessoal.

A sociedade da cidade pequena desfila – ela se mostra enquanto se vê. Os artefatos apresentados no desfile são cuidadosamente produzidos, e, entre eles, há adereços de mão, cartazes, faixas, *banners*, fantasias, carros alegóricos, bandeiras, efeitos especiais e tantos outros. Para cada artefato há um uso específico que costuma ser deturpado pelos sujeitos, segundo a ocasião e seu interesse. Antes do desfile, em meio à agitação da concentração, uma menina escapa dos cuidados de quem a protege e se aproxima de um *banner*. Olha. Pensa. Inventa. O que? Não sabemos. Ali está pintada uma boneca, com o braço direito erguido, envolto por estrelas prateadas. A criança imita o gesto: seu vestido é semelhante, e ela talvez se transforme, por alguns instantes, naquela figura (Fig. 2).



Figura 2 – Outros usos: a ludicidade.

FONTE: arquivo pessoal.

Em meio à agitação da preparação para o desfile, uma menina brinca. O local e os recursos não são “apropriados” à brincadeira, mas esta menina sabe, como todas as crianças também sabem, que sua ludicidade não depende do outro e nem do entorno, pois que reside dentro de si. O que a escola dizia com aquele *banner*? O que a menina leu, ali? Um mesmo artefato dispunha de um currículo prescrito, enquanto se entregava ao que era criado pela menina. O uso oficial dos artefatos era tomado pelo consumo dos praticantes, de natureza instituinte, tanto individualmente, quanto pela própria escola que os produzira.

Durante o desfile, os praticantes são convertidos em coadjuvantes e a eles compete representar o que foi pensado pelo outro. Na rua principal da cidade pequena, um tema advindo do currículo escolar é conduzido pela corporeidade dos sujeitos escolares. Dentre tantos artefatos presentes, a imagem de Tarsila do Amaral foi usada, oficialmente, para ilustrar o desfile cujo tema era a “mulher” (Fig. 3). Astuciosos, praticantes do cotidiano cumpriram sua tarefa de representação, e esperaram.



Figura 3 – Personagens femininas apresentadas no desfile cujo tema é a “Mulher”.

FONTE: arquivo pessoal.

Há um cortejo organizado pelo poder público, e um olhar displicente poderia perceber, no desfile, apenas o enunciado oficial. Contudo, outras manifestações foram encontradas no consumo dos praticantes, com o término da festa: os artefatos exibidos no cortejo são entregues às escolas que, por sua vez, os inserem nos currículos locais. A circularidade presente é muito interessante: há um currículo prescrito oficialmente, que determina verticalmente o tema do desfile, “a mulher”. Vários subtemas são definidos no plano institucional e compete a cada escola representá-los durante o cortejo. Observadora do espetáculo, a população recria aquilo que recebe, oferecendo, a partir de cada sujeito, interpretações diversas ao que é repassado. Findo o desfile, todos os artefatos produzidos pela escola a ela retornam, e então, há outros usos e com isso, outros sentidos.

A aparente resignação da escola por representar aquilo que lhe é determinado, abrindo mão de trazer para a rua currículos que sejam expressão dos sujeitos escolares, é dissipada após o término das festividades. Os praticantes do cotidiano escolar dispõem de farto conhecimento sobre o campo em que transitam e sobre as estratégias de regulação provenientes do forte (CERTEAU, 1994). Este conhecimento os predispõe à espera do melhor momento para a apropriação dos

artefatos do desfile e ao estabelecimento de outros usos, outros consumos. Na escola, onde a regulação encontra tantas entradas – currículo, avaliação, formação, organização, legislação e outras – seus habitantes exibem uma visível resignação que oculta seu imperceptível plano de fuga. Silenciados os tambores e distribuídos os artefatos pelas escolas, tem início outra festa. É a bricolagem.

Bricolagem é uma expressão derivada do francês *bricolage* e significa um conjunto de pequenas tarefas ou trabalhos manuais domésticos, que empregam recursos disponíveis, feitos de improvisos e com o aproveitamento de toda a espécie de materiais e objetos. A bricolagem requer de seus praticantes, o despreendimento de lógicas hierárquicas e de modelos instalados no espaço educacional. É a afirmação dos praticantes ao ampliar e complexificar artefatos, empregando sua subjetividade neste processo de ressignificar. Para Certeau (1994), a bricolagem implica em processos de metamorfoses que transformam, sutilmente, o que está posto. Silenciosos, microscópicos e anônimos, os praticantes da bricolagem adentram a lógica dominante e a ela oferecem novos desenhos comprometidos com suas intencionalidades e necessidades.

Se o desfile determina um sentido único para os artefatos que comporta, estabelecendo um currículo prescrito, na escola estes artefatos passam por processos de bricolagem e, a cada dia, são inclusos junto aos currículos praticados na escola. Transformados, os artefatos adentram as salas de aulas e as práticas que ali são tecidas: na figura 4, por exemplo, encontramos novamente Tarsila do Amaral, agora “pendurada no varal”. Por que a imagem da pintora foi recortada do desfile e trazida para esta sala de aula? Como esta presença adentrou o currículo praticado nesta classe? Será que a professora já inventava outros usos para a imagem, enquanto desfilava?

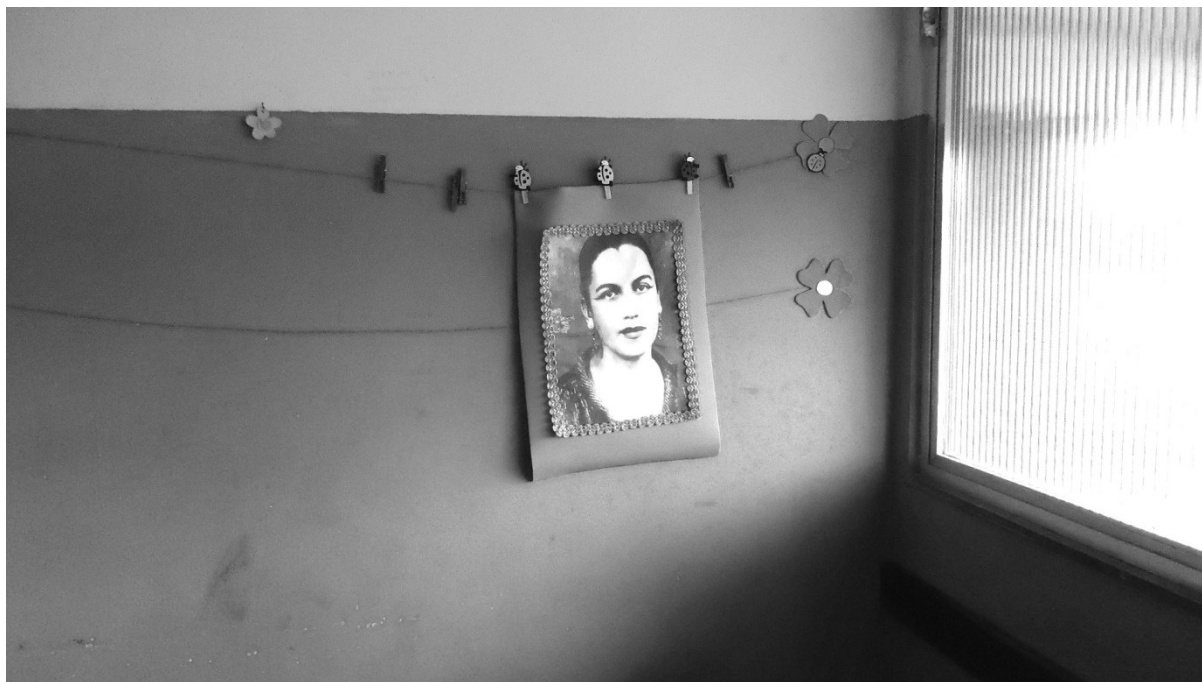


Figura 4 – Artefato do desfile escolar, utilizado em sala de aula.

FONTE: arquivo pessoal.

Assim como a imagem de Tarsila, encontramos diversos outros pequenos fragmentos dos desfiles por várias escolas, entregues ao consumo e à circularidade curricular. Quando a escola cumpre um projeto externo a ela, se insere como parte deste currículo prescrito e depois o leva a acontecer, através de outros consumos. O currículo oficial do município “desfila” pelo cotidiano da cidade e depois retorna à escola e se mostra outro, em meio a bricolagens, segundo os sentidos postos pelos praticantes.

A observação do desfile oferece possibilidades diferenciadas ao observador, sempre mediadas pela “surpresa”. Enquanto o olhar percorre o que está ordenado pela lógica oficial, muitas novidades adentram o campo visual. Vendedores ambulantes, espectadores, participantes do desfile e seus amigos ou familiares, representantes comerciais, religiosos e políticos – diversas pessoas compõem um quadro que se movimenta durante a observação.

Em meio à festa, o bar da esquina agregava cada vez mais pessoas. Os bares de esquina, em cidades pequenas, costumam dispor de bastante popularidade. Dada a situação estratégica em que se encontram, possibilitam uma visão de 180 graus ao observador instalado em seu interior, ao mesmo tempo em que garantem que este seja visto desde a rua. O bar da esquina marca uma predisposição dos habitantes das cidades pequenas, e que também justifica os desfiles: ver e serem vistos. Com o decorrer do desfile, as pessoas próximas ao bar eram tantas que avançavam até o

meio da rua, diminuindo o espaço destinado ao cortejo. Era importante ver, era importante ser visto.

Ver melhor. Poucas pessoas assistiam ao desfile das janelas dos sobrados, porque o observatório preferencial não é fixo. A maioria das pessoas prefere se mover com dificuldade pelas calçadas que estão completamente tomadas pela população, e, em alguns momentos consensualmente aceitos, atravessam a rua. Atravessar a rua, durante o desfile, me parecia uma heresia: poucas pessoas atreveram-se a isso. Enquanto um pelotão desfila, há uma concordância tácita de que seus integrantes são os únicos que têm permissão de se deslocar pela rua, naquele momento. Os demais devem observar e aguardar; a ordenação das temporalidades e espacialidades é respeitada por todos.

Adentrar a rua, durante o desenrolar do desfile, requer o conhecimento do que é “permitido”, e esta autorização é informada por vários aspectos. Quem tem o “direito” de atravessar a rua? Quando, onde e como ocorre esse “direito”? Os pelotões que agregam estudantes da educação infantil dispõem de *status* diferenciado em relação aos demais, e, junto a eles, é permitido o trânsito de sujeitos não pertencentes ao desfile. As crianças pequenas desfilam cercadas por professoras e seus familiares. Os familiares das crianças acompanham o desfile, protegendo, cuidando, contribuindo com a organização posta pela escola, corrigindo as “falhas” conforme o fazem os professores: “ande mais rápido, chega pra lá, não converse”. A escola inscreve o modelo a ser seguido: o cadenciamento dos passos, a organização das filas, dos círculos, dos agrupamentos. Todos contribuem para que a ordem oriunda da escola seja mantida. Todos aguardam por ela e a associam à beleza, organização e relevância da escola que a sustenta.

O desfile foi dividido em blocos e as exigências quanto à organização dos integrantes dos pelotões, bastante variada. Em alguns deles, os jovens e crianças caminhavam livres de compassos, mas sempre dispostos em três filas indianas. Em outros, o ritmo das passadas deveria coincidir com o ritmo da banda marcial. Uma escola particular incumbira alguns docentes da função de comandar o andamento do desfile, transitando por meio dos integrantes de forma a mantê-los cartesianamente dispostos. As crianças compartilhavam e colaboravam com essa disposição, mantendo-se atentas aos comandos e também se vigiando entre si. Tudo se configurava como um micro dispositivo panóptico (FOUCAULT, 1987) em movimento pela rua da cidade: a cada passo dado, a criança que desfilava era observada pelas professoras enquanto ajustava seu passo aos demais e conferia se alguém caminhava fora do ritmo. Tudo isso, acompanhado por outros olhares: os espectadores, aparentemente, contribuíam para manter os corpos nesta disposição linear, ao carregar seu olhar de expectativas.

Se ao adentrar uma escola podemos perceber, através de detalhes, quais as concepções que a administração emprega em sua gestão, também nos desfiles isto é facilmente notado. Em uma das cidades observadas, os professores desfilaram concentrados em um pelotão, ficando os estudantes libertos da vigilância direta. Junto aos professores, desfilou também a equipe da secretaria de educação, inclusive a secretária. Não era muito fácil distinguir estes profissionais, pois todos trajavam a mesma camisa. Em outra cidade observada, a organização do desfile se deu de outra forma. Próximo a cada pelotão de estudantes havia dois ou mais professores, vigilantes. Na maior parte do tempo, não havia nenhuma função que pudessem exercer: o desfile se encontrava em andamento; as crianças estavam ali, trajando suas fantasias ou uniformes; a banda tocava; as pessoas seguiam seu curso.

Como não havia nada a ser feito, e como foram dispostos na condição de responsáveis por determinados pelotões, os professores se esforçavam por fazer algo. Pediam aos alunos para andarem mais rápido, ou mais devagar; pediam silêncio; pediam para manterem a fila em linha reta; arrumavam cabelos que já estavam arrumados, ajeitavam adereços que já estavam ajeitados – se ocupavam em cumprir uma missão esvaziada de sentido, enfim. Nesta cidade, a equipe da secretaria de educação desfilou em bloco, trajando vestes diferenciadas dos professores. A secretária de educação permaneceu no palanque, junto às demais autoridades. É curioso observar como diferentes concepções, já encontradas nas escolas de ambos os municípios, se conservam na exposição pública.

Em uma das cidades, embora o tema do desfile tenha sido determinado no plano oficial, sua entonação foi de cunho religioso, pois a culminância incidiu sobre uma igreja que se apresentou com a participação de um número considerável de fiéis. Este bloco era introduzido por dois rapazes que carregavam uma faixa, onde estava escrito: “Jesus, verdade que liberta”, seguido por uma pequena multidão que trazia, colado às roupas, um adesivo alusivo ao centenário da igreja. Alguns jovens trajavam uma camiseta com a inscrição: “Eu faço parte de um projeto... [frente] que vai mudar nossa cidade [costas]”. Durante todo o trajeto, um pastor realizava uma espécie de “culto em movimento”, propagado em alto som por caixas acústicas. Os fiéis integravam-se ao culto por meio de gestos e repetições do que era dito.

Comentei com uma senhora que se encontrava ao meu lado, que talvez o número expressivo de membros neste agrupamento se referisse ao centenário da igreja. Ela contestou: “Não é por isso, eles estão com problemas com o prefeito, coisa de terreno, então querem mostrar a cara, o ano que vem é político...”. Pensei novamente nas inscrições das camisas que os jovens trajavam; pensei também na faixa que introduzia o grupo e notei que ali poderia residir uma mensagem política, inscrita sob a forma de um versículo bíblico: “verdade que liberta”. Tomado

por analogia à escola, este grupo trazia em si um currículo praticado, nem sempre legitimado, nem sempre visível. Como observadora externa, pude captar somente a mensagem presente na superfície, pois que é preciso adentrar nas tramas para que os sentidos sejam desvelados.

Houve também o desfile de escolas confessionais, e, dentre elas, uma trouxe para a rua muitos de seus funcionários, alunos e seus familiares. Eles usavam uma camisa cuja inscrição afirma que aquela é uma “família”. Mostravam-se como uma “escola-família”. Trata-se de uma escola privada, à qual a classe popular não tem acesso. Apresentando-se como “família”, esta escola circunscreve ainda mais seus membros, afinal, ainda há a representação de que uma família é um grupo constituído onde só se adentra quando a permissão é oriunda do centro.

Ordenadas em pelotões como integrantes do desfile ou posteriormente dispersas pelas calçadas, agora traduzidas enquanto espectadoras, as pessoas mantinham suas identidades por meio de seus trajes, ao mesmo tempo em que anunciavam as relações diferenciadas que mantinham com outros membros de outros grupos. Tão logo concluíam seu desfile, os integrantes retornavam às calçadas e se tornavam espectadores: camisas e fantasias, antes separadas em blocos para a exibição oficial, agora se misturavam na observação espontânea. Era a cidade que se mostrava e também se olhava, afinal, em uma cidade pequena, não faz muito sentido olhar sem ser visto.

Em outro desfile, o tema apresentado foram as regiões brasileiras. Em uma delas, havia caracterizações diversas, que registro na ordem em que foram exibidas na rua principal da cidade: cangaceiros, retirantes nordestinos, pescadores, golfinhos, Iemanjá, Padre Cícero acompanhado de beatas, quadrilhas, balões, festa junina, frevo, sanfonas, lavagem do Bonfim, rainha e rei africanos, músicos (Luiz Gonzaga, Sivuca e Elba Ramalho), moradias nordestinas, uma banda de axé posicionada em cima de um trio elétrico... luxo e beleza ornados por muita cor e som. O Nordeste, assim como as demais regiões, foi representado através da percepção hegemônica que se tem de sua cultura, uma imagem única que ofusca o que sequer supomos existir. A beleza do desfile e sua autoria – a escola – fazem com que seu conteúdo pouco seja questionado e que o repasse coincida com as expectativas de parcela da população. Um currículo oficial dispõe de aceitabilidade intrínseca e fortalece as percepções herdadas pelos sujeitos, diminuindo as possibilidades de outras leituras.

Neste mesmo desfile, em alguns pontos da rua, meninas dançarinas do “pau de fitas” se apresentavam. Nesta dança, é preciso que suas integrantes bailem em torno de um mastro central, de onde pendem fitas coloridas. Ao rodear o mastro com sua dança, as fitas se entrelaçam, formando um belo desenho. Não é possível reverter isso e iniciar novamente a dança. Assim, as meninas cuidavam para não realizar muitas exibições na extensão da rua, pois as fitas poderiam se extinguir e elas sabiam que precisariam exibir-se mais demoradamente em frente ao palanque. É

como na escola, quando o currículo é entendido como planejamento que precisa ser cumprido no decorrer de temporalidades específicas, e que por isso aplica-se a racionalidade em sua distribuição fragmentada por todo o ano letivo e intensificada em momentos específicos.

O eixo central em torno do qual uma das cidades organizou seu desfile, se deu a partir da história do município. O surgimento da cidade é associado à construção de uma capela católica que deu origem a um arraial em terras anteriormente habitadas por índios. Estavam todos lá, representados no desfile: os índios, os padres, a capela. A economia local, fundada na extração de pedras ornamentais, no cultivo de tomates e na indústria papeleira foi registrada em um carro alegórico, respectivamente, através de réplicas de rochas, tomates gigantes e muitos rolos de papel higiênico. Para um estrangeiro, a visualização de um carro alegórico constituído por tomates, rochas e rolos de papel deve ter causado algum estranhamento. Esta alegoria provoca a reflexão acerca das práticas escolares, neste caso, sobre os livros didáticos. Distribuídos em grande escala e sem considerar as especificidades locais, os livros costumam abordar temas e exibir imagens que não dialogam com as culturas dos alunos que os utilizam. É quando se sentem estrangeiros diante do livro, sentados em suas carteiras, em suas salas de aula, em seu próprio espaço.

É interessante notar a relevância atribuída às histórias locais, embora em grande parte sejam socializadas a partir de um ponto de vista dominante. Um bom diálogo se daria a partir da inclusão das narrativas dos cambuqueiros^{viii}, dos operários da fábrica^{ix} e dos lavradores de tomates^x, que, certamente, trariam outras manifestações tecidas a partir da leitura próxima e consciente que fazem de seu ofício. Entretanto, é preciso ressaltar o interessante movimento que aproxima histórias globais da história local, mesmo que as lentes empregadas ainda precisem ser substituídas.

Fosse entre pessoas pertencentes à mesma escola ou pertencentes a grupos distintos, fosse entre pessoas que iriam se apresentar no desfile ou que iriam assistir, familiares que traziam crianças, vendedores que vendiam, fotógrafos que fotografavam, músicos que tocavam, dançarinos que dançavam – se havia algo em comum entre todos eles, eram as conversas. O desfile era também um pretexto para o encontro e as conversas.

As conversas. Quem mora em cidades pequenas, dificilmente passa sem uma conversa. A restrita dimensão territorial do lugar favorece os encontros, e, com eles, as conversas. Isso predispõe a que qualquer encontro – seja a caminhada até o trabalho ou a presença em um evento social – se configure enquanto possibilidade à conversação. Considerando as implicações curriculares decorrentes dos temas propostos pelos desfiles, não há como ignorar a multiplicidade de desdobramentos possíveis, oferecidos a estes currículos, em meio às conversas que ali ocorrem.

Outros usos, outros consumos. Conforme aprendemos com Certeau (1994), imersos no campo do outro, praticantes observam atentamente as possibilidades para se apropriarem de algo, segundo a sua criatividade. Tomados por passivos pelo descuidado observador externo, tecem suas intencionalidades protegidos por este descuido. Quem só percebe passividade, sequer desconfia de que há um plano – e sempre há um plano. Sempre há o que ver, o que dizer, o que sentir, o que fazer... e sempre há outro uso para o que foi visto, dito, sentido, feito.

Embora os desfiles de aniversário das cidades sejam organizados por setores oficiais e embora saibamos que manifestações da cultura popular não ocorrem de forma instituída, foi curioso observar o entrelaçamento entre estas instâncias paralelas. Assim como não seria adequado caracterizar os desfiles de aniversário das cidades como eventos da cultura popular, também não é possível negar que a cultura popular esteja presente nos desfiles.

Segundo Braga (2009, p. 74), as culturas populares são marcadas pelo “interesse social difuso e desinteressado” e qualificadas como “bem imaterial intangível”. Para ele, o interesse social difuso e desinteressado se processa no interior das culturas populares por meio das conversas (e eu incluiria as práticas) entre aqueles que as produzem e vivenciam. Destacando a festa como “fato social total”, observa que as conversas atravessam todas as etapas de sua ocorrência. Estas conversas geram redes de sociabilidades que reúnem pessoas durante o planejamento e consecução da festa, bem como durante os comentários posteriores “sobre” ela. São conversas não necessariamente planejadas e direcionadas, pois que ocorrem segundo a ocasião – daí seu caráter paradoxalmente difuso e agregador.

Mesmo que a materialização do desfile seja forjada por meio de planejamentos oficiais, não é possível negar a ocorrência anônima de um número desconhecido de conversas e práticas que também compõem o seu desenho. Ali estão tacitamente presentes manifestações da cultura popular que, em grande parte fisicamente invisíveis, são amplamente vistas por quem é de ver. Quando autorizadas pelo poder, são utilizadas para perfazer a cota de inclusão que se presta tão somente a alimentar a exigência pela inclusão. Porém, conhecedores do campo por onde se deslocam, os praticantes tiram proveito do que aparentemente os cerceia, pois reconhecem que

[...] *utilizar* sistemas impostos constitui a resistência [...]. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” – a *pedra negra* que se opõe à assimilação. [...] Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas (CERTEAU, 1994, p. 79) (Grifos do autor).

Ao circunscrever um campo, o forte delinea um *espaçotempo* e impõe as regras que o regulam. Sua ignorância acerca das lógicas que informam a cultura popular, favorecem a que esta produza sua própria existência. Encontramos em Braga (2009) que o desconhecimento sobre a cultura popular a reveste enquanto “segredo”, elevando-a à intangibilidade. Quanto mais é considerada menor, menos a cultura popular se entrega a quem se considera maior.

Através da observação cuidadosa das imagens produzidas durante o trabalho de campo, foi possível verificar que o quantitativo de faixas, *banners*, painéis e similares foi enorme. Em se tratando da palavra escrita, não se pode ignorar que esta seja apropriada de alguma forma pelos praticantes que desfilam e por aqueles que os assistem. Em grande parte presentes no currículo prescrito pelas escolas, os enunciados inscritos nas faixas adentram os universos de significados produzidos pelas pessoas envolvidas no desfile. Como o tema escolhido para o desfile se desdobra na escola? Há um tema, escolhido pela equipe organizadora do desfile, e este tema é subdividido entre as escolas. Que espécie de apropriação os praticantes da escola empreendem?

Desde sua concepção como roteiro a ser aplicado na prática, até a curiosidade sobre seu consumo em meio à tessitura do cotidiano, o currículo foi aprisionado na escola para, posteriormente, ser inventado em diversos espaços sociais. Ao ampliar seu campo trouxe junto o problema da dispersão, provocando reflexões que denunciavam o afastamento da questão central que seria o currículo praticado na escola. Junto a isso, surgiam reflexões que incorporavam ambas alternativas em sua complementaridade, pensando um currículo que atravessa não só a escola, mas toda a sociedade:

[...] entendemos currículo como sendo redes de *fazeressaberes*, de *discursospráticas*, compartilhadas entre os sujeitos que praticam os cotidianos das escolas, e que envolvem outros sujeitos para além desses cotidianos das escolas (FERRAÇO, 2004, p. 85) (grifos do autor).

Um desfile cívico-escolar-alegórico é um evento cujo movimento se dá desde a escola até a cidade. Assim como qualquer outra prática escolar, dispõe de muitas “entradas” para a regulação, como os currículos, a organização, a disciplina, a avaliação e outras. O modelo de regulação presente na escola é transposto para a rua e afeta as percepções dos espectadores, que alimentam expectativas condizentes às suas representações sobre a escola. No decorrer dos desfiles, as escolas e os sujeitos são continuamente observados, avaliados, classificados. Há a concordância geral e tácita de que a “melhor” escola é a que garante o mais alto índice de homogeneidade e ordenação

em sua apresentação. Os mesmos dispositivos presentes na avaliação escolar – exame, classificação, comparação – também adentram as percepções de quem observa o desfile. Durante os encontros com os grupos focais, onde as imagens dos desfiles foram exibidas, os participantes disseram que:

Há alguns anos, as escolas recebiam premiações no desfile, tinha o primeiro lugar, o segundo, e outros. Então, as escolas trabalhavam muito para fazer um desfile lindo, para ganhar o prêmio. Parecia competição de escola de samba. (Moradora).

O que todo mundo espera, de verdade, é a hora da escola [...] passar, porque todo mundo fala que é a mais bonita de todas, não tem nem que ver, é tudo certinho, todos os uniformes certinhos, as filas, o pé no chão junto com a banda, ninguém nem olha pro lado, não pode rir. (Moradora).

Quando o desfile acaba todo mundo procura o professor pra pegar o bônus porque os caras querem ganhar o ponto, vale um ponto, pode, assim, pedir um ponto em qualquer matéria, ganha um ponto, assim, na média. (Estudante).

A bonificação [dos estudantes] fica a critério das escolas. Eu, como professor, posso até falar que na minha escola, é negociado. A orientadora educacional chega perto do professor e pergunta se ele está disposto a aceitar o bônus, que normalmente vale um ponto pela participação do aluno no desfile. (Professor).

A participação dos estudantes nos desfiles interfere, de certa forma, em sua certificação escolar, afetando também as relações entre os sujeitos escolares e alcançando as expectativas familiares. A bonificação pela participação condiciona a presença de alguns sujeitos, enquanto o exame do outro orienta grande parte dos observadores da festa. A ideia de avaliação que a reduz ao exame, prêmios e castigos, surge desde a concepção do desfile e se estende até muito tempo após seu término, pois o bônus recebido será usufruído no momento especificado pelo estudante, e as distinções oferecidas pelo olhar da população irão se estender nos infinitos das memórias.

“A imagem deve sair da moldura”^{xi}

Um pequeno esforço é suficiente para pensarmos sobre os currículos e dispositivos avaliativos presentes no desfile de aniversário da cidade, a partir de uma metáfora. Tomando por empréstimo uma ideia de Foucault (1999, p. 25), pensemos, então, em um quadro.

Apresentado na rua principal da cidade pequena, durante o desfile de aniversário municipal, o currículo escolar é “emoldurado”. Ali, um tema é fragmentado, ordenado e apresentado segundo critérios hierárquicos, oficiais e únicos. Se o tema do desfile é a “mulher”, então Tarsila e outras tantas mulheres desfilam. Se o tema do desfile é a “África”, então os negros desfilam. Ano de copa do mundo? Bandeiras e cores dos países competidores são apresentadas. O tema é a literatura? Guimarães Rosa, José de Alencar e outros autores “marcham” pela rua principal da cidade, em lindos cartazes. Tudo é óbvio, correto e *clean*.

Findo o desfile, porém, as molduras se dissipam. Figuras, personagens e ideias escapolem do quadro, se libertam do que precisariam eternamente dizer e mergulham em outras conversas. O enunciado oficial se esvai e, então, o consumo dos praticantes inventa novas proposições – anônimas, desconhecidas. Circularidades, bricolagens, metamorfoses, consumos. A escola recebe um currículo oficial que é utilizado na produção do desfile, o qual, por sua vez, devolve à escola seus resíduos, que são transformados em outros currículos. Anteriormente restritos à escola, os currículos desfilam pela rua principal da cidade pequena e a inundam quando se atrevem, posteriormente, em outras direções. Apresentado à população, este currículo é também deturpado por ela, que o examina, o atravessa e o torna outro. A partir de todo este movimento difuso, compreendemos que o olhar que se detinha sobre a passividade, aprende que deve continuar a ver... depois.

Ao analisar os modos como as pessoas pensavam na França do século XVIII, Darnton (1986) depara-se com um documento de 426 páginas escrito por um cidadão anônimo, onde o mesmo descreve sua cidade, Montpellier. A partir da descrição de um cortejo, este cidadão sinaliza a circunscrição dos lugares sociais, ressaltando que no decorrer dos tempos essa visibilidade foi subvertida objetivando a crítica, a denúncia e consumos diferenciados por meio de manifestações veladas. A visibilidade dos cortejos se desdobrava no exame minucioso do outro:

Parece orgulhoso de sua cidade e ansioso para nos falar dela, como se fôssemos forasteiros um tanto confusos, numa esquina desconhecida, e ele nos oferecesse indicações. Não é uma situação incomum, talvez, mas dá lugar a uma pergunta que vale a pena considerar: O que é descrever um mundo? (p. 142).

A descrição do cortejo continha a descrição de toda a sociedade local e indícios do plano global, pois que incluía princípios e disposições compartilhadas. Por ocasião da descrição, Montpellier tinha uma população de aproximadamente vinte e cinco mil habitantes, e isso impossibilitava que as distâncias econômicas e sociais se tornassem distâncias físicas. Criticando uma forma canônica de se descrever as cidades – através de sua demografia, economia, estrutura social e cultura – o autor convida a conhecermos outra forma de descrição, realizada por um montpellierense: ele “ordenou seus pensamentos da mesma maneira como seus conterrâneos ordenavam suas procissões [...] traduziu no papel o que era encenado nas ruas, porque a procissão servia como linguagem tradicional para a sociedade urbana” (*Idem, Ibid.*, p. 153).

Em seu texto, o autor anônimo descreveu uma procissão com riqueza de detalhes, a qual era considerada uma “declaração desfraldada nas ruas, através da qual a cidade representava-se para si mesma” (*Idem, Ibid.*, p. 157). Para Darnton, contudo, o excesso de alguns elementos, a negligência de outros e as diferenciações oferecidas à exposição dos sujeitos implicavam em que os cortejos não fossem a representação da sociedade, mas o retrato de sua versão dominante. Bem, parece que “tudo continua com dantes, no quartel de Abrantes”.

O desfile traz para a cidade as dinâmicas e dispositivos escolares. A princípio, os currículos são aprisionados, para, posteriormente, entregarem-se à liberdade semântica. A avaliação, onde repousa a regulação institucional, familiar e social, oferece ao tecido social os princípios pertinentes ao exame, enquanto condiciona a participação de grande parte dos estudantes ao recebimento da bonificação. Junto a isso, os estudantes fazem uso de seus bônus livremente, alterando seus resultados escolares e também empreendendo escolhas que interferem em sua inserção nas escalas de distinção produzidas pelo olhar dos espectadores. Enquanto a partir de um plano central tudo é direcionado, os sujeitos ocupam-se da deturpação do que está posto segundo seus interesses e possibilidades, em processos de resignação e fuga, sem fim. A princípio aprisionada, a imagem foge da moldura quando o olhar do especialista se distrai.

Referências

- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____ *et alii. Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BRAGA, S. I. G. Culturas populares na cidade. In: FORTUNA, C., LEITE, R. P. (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina/CES, 2009.

- BOURDIEU, P., BOURDIEU, M. C. O camponês e a fotografia. In: Revista *Sociologia Política*. Vol. 26. Curitiba, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a04n26.pdf>.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DARNTON, R. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FERRAÇO, C. E. Os sujeitos praticantes dos cotidianos das escolas e a invenção dos currículos. In: MOREIRA, A. F. B. et alii (orgs). *Currículo: pensar, sentir, diferir*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MARTINS, J. de S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PORTELLI, A., Tentando aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, 15: 13-49, abr. 1997.
- SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo*. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400 010 &lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 de outubro de 2010.

ⁱ Professora do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense, Doutora em Educação pela USP, Mestre em Educação pela UFF, Licenciada em Letras pela UEMG

ⁱⁱ A pesquisa contou com o apoio financeiro e uma bolsa de iniciação científica da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), e com o apoio financeiro e uma bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ⁱⁱⁱ Os temas escolhidos pelas Secretarias Municipais de Educação das duas cidades para os desfiles observados em três anos consecutivos, foram: “Quem conta um conto, sempre aumenta um ponto”; “Bendita serás tu, mulher!”; “África: vozes, lutas, valores, culturas”; “Meu Brasil que canta, dança e é feliz”; “Ritmos do Brasil”; “Escola: conhecendo a educação e a cultura no contexto histórico”.

^{iv} Neste texto, faço referência às pessoas que assistem aos desfiles como *espectadores*. Segundo o dicionário, um espectador é: 1. uma pessoa que assiste a qualquer espetáculo (musical, teatral, cinematográfico, etc.); 2. alguém que presencia uma ocorrência, um fato; 3. indivíduo que observa algo; observador. Poderia, contudo, referir-me a estas pessoas empregando um vocábulo homófono – *expectador* – que expressa a ideia de alguém que se encontra *em expectativa*. Pensemos, portanto, em um *espectador expectador*, sem esquecer que, no caso deste estudo, o observador também pode ser o observado.

^v Estudando “em” desfiles e não “sobre” desfiles, observamos diferentes práticas escolares em meio ao cotidiano da cidade: avaliação, currículo, gestão, relação família/escola, disciplina e outras.

^{vi} Cf. BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

vii A equipe foi constituída por Bolsistas de Iniciação Científica/FAPERJ e CNPq, Bolsistas de Desenvolvimento Acadêmico/UFF e estudantes do curso de Pedagogia/UFF. Meu agradecimento especial às estudantes Lafânia Mendes, Angelina Ferreira, Elizangela Castro, Bárbara Alves e a todas as alunas da primeira turma de Pedagogia/UFF/INFES, pois, através de generosas conversações com elas, pude pensar neste trabalho.

viii Parcela significativa da economia local é oriunda da extração e comércio de pedras artesanais. “Cambuqueiro” é a denominação do funcionário que trabalha nas pedreiras, extraíndo e quebrando as pedras.

ix Outra parcela da economia local é oriunda da indústria papeleira.

x A produção de tomates também alimenta a economia local.

xi Cf. FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.